REVISTA DA FUNDARTE
ANO 19
NÚMERO 39
JULHO A DEZEMBRO DE 2019
FUNDAÇÃO MUNICIPAL DE ARTES DE MONTENEGRO

ATRAVÉS DA IMAGEM

Úrsula Jahn[1]



Compreendendo que a arte contemporânea, que se desprendeu da ideia purista de autonomia, defendida como paradigma maior por teóricos modernos, procura se manifestar, não apenas através do objetivo visual e artístico, mas também por camadas múltiplas de conceitos e uma gama de inquietações, que não partem apenas do campo artístico, mas da experiência social, subjetiva e cotidiana, as perspectivas feministas vêm se fortalecendo cada vez mais dentro do atual cenário artístico.

1 Graduada em Fotografia pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (2016). Atua como fotógrafa independente e, como artista visual, participa de exposições coletivas desde 2014, das quais destacam-se: Canela Foto Workshops (2015), Mosaicografia (2016), Registro nº1(2017) e recentemente a exposição Corpo Substância na Galeria Ponto de Fuga (2018). Já realizou duas mostras individuais em Porto Alegre, na Galeria VOA (2017) e Galeria Mascate (2016). Teve o ensaio Flores de Outubro publicado na Lens Culture em 2015 e foi selecionada para a Mostra de Portfólio do 7º Festival de Fotografia de Tiradentes (2017). Pesquisa fotografia, corpo feminino e memória, unindo nessa temática o deslocamento da imagem fotográfica bidimensional para o objeto fotográfico, trabalhando investigações tridimensionais que se inclinam a uma inscrição no espaço.

JAHN, Úrsula. Através da imagem. *Revista da FUNDARTE*, Montenegro, p. 19-22, ano 19, nº 39, julho/dezembro de 2019.
Disponível em: http://.seer.fundarte.rs.gov.br/index.php/RevistadaFundarte/index> 20 de dezembro de 2019.

REVISTA DA FUNDARTE
ANO 19
NÚMERO 39
JULHO A DEZEMBRO DE 2019
FUNDAÇÃO MUNICIPAL DE ARTES DE MONTENEGRO



Assim sendo, em minha produção fotográfica, apresento a percepção da figura feminina. Para tanto, parto da própria experiência para partilhar a visão do outro sobre o corpo feminino, suas agressões, limitações e um corpo em permanente mutação. Um corpo que se transforma naquilo que ele quiser. Trabalho assim três eixos predominantes em pesquisa como artista: Qual o papel do corpo feminino na atualidade? Que corpo é esse representado por mulheres e para mulheres? E de que maneira ele é representado?

Trabalhando com meu próprio corpo, me insiro em um processo de pluralização da imagem corporal na fotografia, trazendo histórias que estavam fora do campo de interesse da criação tradicional de imagens.

Os dois trabalhos integraram a Mostra ***Através da Imagem – ano cinco****,* ao lado das artistas Bruna Engel e Mariane Rotter, também curadora da exposição, na Galeria Loide Schwambach, na Fundação de Artes de Montenegro, em agosto de 2019, abordam bastante estas questões.

Em ***À la carte (2016)*** é possível ver a conexão do feminino com a mercadoria. O trabalho é composto de imagens do corpo feminino, que foram transferidas para tábuas de carne e propõem um questionamento sobre a concepção do corpo feminino como um objeto de consumo. Aqui busco transmitir uma mensagem direta: a coisificação da mulher e a sensação de se ser um pedaço de carne, exposto para livre apreciação e escolha. Ao optar por deslocar a imagem fotográfica bidimensional para um objeto fotográfico, a tábua de madeira, quis que o próprio suporte se inserisse como crítica.

Na exposição, apresentei essas tábuas sobre uma grande mesa e, mesclando com as obras e preenchendo os espaços vazios, adicionei alimentos da cor vermelha, como tomates, pimentões, pimentas e maçãs, com a intenção de fortalecer minha proposta. Criar efetivamente esse banquete. O uso dos alimentos vermelhos se deu pela associação a uma cor provocativa, a fim de questionar, também, essa noção de corpo como algo tentador e, também, por vermelho ser associado a sangue, enfatizando as feridas e consequências que uma cultura machista pode acabar ocasionando à mulher.

REVISTA DA FUNDARTE
ANO 19
NÚMERO 39
JULHO A DEZEMBRO DE 2019
FUNDAÇÃO MUNICIPAL DE ARTES DE MONTENEGRO



Já em ***Gênesis 3:5-6 (2019),*** abordo a culpa ancestral feminina das mulheres terem causado a diáspora do Paraíso.

No livro de *Gênesis* da Bíblia Cristã, uma serpente persuade Eva a comer o fruto proibido da árvore, que está no meio do Jardim do Éden. O pecado de Eva, que originou os males dos homens e mulheres da Terra. Assim se deu uma interpretação de hierarquia do homem em relação à mulher, e fomos culpabilizadas por tudo. Gravidez indesejada, fomos nós que não nos protegemos. Agressão física e psicológica, fomos nós que provocamos. Quando vítimas de violência sexual, somos consideradas culpadas. Nós sempre estamos no lugar errado, na hora errada. É nossa culpa. E quando um homem nos mata, mata por amor. É nossa culpa.

Pensando nisso, eu realizei uma videoperformance e dela busquei operar uma desconstrução do relato sobre a condição da mulher. Foi pensando que Eva está na origem do grande pecado, e que todas as mulheres são suas seguidoras, que propus brincar com os séculos e séculos de culpas atribuídas.

Gênesis 3:5-6 fala sobre o fardo que as mulheres ainda carregam, a culpa ancestral feminina de terem causado a diáspora humana do Paraíso e, por consequência disso, viver em uma contemporaneidade que segue perpetuando uma cultura machista e misógina. O trabalho é um tríptico, composto por 3 etapas, cada uma correspondente a um vídeo, que é descascar e temperar as maçãs, fazer e montar a torta e devorar a torta. O ato de comer o fruto proibido, representado aqui em uma grande torta de maçãs, sugere devorar a culpa, satirizando os fundamentos da dominação masculina, em um gesto de se livrar de tudo isso. A duração do vídeo é de 2 minutos e 19 segundos, pra ressaltar como essa cultura ancestral ainda se faz presente no nosso cotidiano, infelizmente.

A instalação apresentada, juntamente, na exposição em agosto deste ano, consistiu em anexar na parede um tecido com a estampa da planta Costelas-de-adão, tecido esse que foi o fundo do vídeo gravado, e sobre ele colocar a televisão. Criar esse pequeno Jardim do Éden em Montenegro, dentro da Galeria Loide Schwambach.

JAHN, Úrsula. Através da imagem. *Revista da FUNDARTE*, Montenegro, p. 19-22, ano 19, nº 39, julho/dezembro de 2019.
Disponível em: http://.seer.fundarte.rs.gov.br/index.php/RevistadaFundarte/index> 20 de dezembro de 2019.

REVISTA DA FUNDARTE
ANO 19
NÚMERO 39
JULHO A DEZEMBRO DE 2019
FUNDAÇÃO MUNICIPAL DE ARTES DE MONTENEGRO



Em ambos os meus trabalhos, expostos na mostra fotográfica, arte, vida e consciência política estão, igualmente, mobilizadas. Neles, apresento minha busca pela autonomia feminina perante o próprio corpo. Eles se firmam como um convite para que o espectador se confronte com ideias acerca do corpo feminino que ainda predominam no plano social: da admissão do corpo tratado como coisa, como objeto destituído de qualquer valor direito e autonomia. Esse novo cenário, de abordar esses assuntos no espaço público, tirando os do espaço privado, é de grande importância para mim, pois fazer da poética um ato de posicionamento político e dissolver essas barreiras entre arte e política, é ampliar e dar visibilidade a opressões e denúncias da presença nociva de preconceitos e discriminações que perpetuaram até hoje.

Se pensarmos que imagens são sinais que adquiriram valor, a partir de sua inserção em um circuito social, cultural e artístico, de que forma a imagem fotográfica pode ser usada para dar visibilidade aos dilemas enfrentados em uma sociedade androcêntrica, que naturaliza opressões das mais diversas e a violência de gênero?

Estimulada por este pensamento e acreditando que as áreas da cultura e das artes visuais são potentes mecanismos para a desconstrução de opressões e violência e para a conscientização de uma necessária mudança social, que me proponho a trazer essas temáticas, para a esfera pública, pela via poética.